

# “Vamos falar do tempo?": uma análise da evolução do gênero discursivo previsão do tempo

Nívea Rohling\*

Aline Cristina de Souza Folloni\*\*

Ana Paula Pinheiro da Silveira\*\*\*

**Resumo:** Este artigo objetivou investigar as modificações no gênero discursivo previsão do tempo, exibido em um noticiário televisivo brasileiro. Para tanto, a análise compreendeu o gênero discursivo segundo a perspectiva bakhtiniana. Os três enunciados selecionados, 1976, 1991 e 2019, foram analisados quanto às modificações ocorridas ao longo desses anos do ponto de vista da composição e estilo. A análise aponta para inserção de elementos composicionais e estilísticos na produção do gênero, tais como um maior nível de informalidade, considerando que a participação do telespectador passou a ser direta, e a apresentação dos dados por meio de um maior uso da tecnologia.

**Palavras-chave:** Gênero Discursivo. Estilo. Previsão do tempo.

**Abstract:** This study aims to investigate how the forecast weather discursive genre changed in a news television program. For this purpose, three utterances were selected from 1976, 1991, and 2019, and analyzed based on Bakhtin Circle studies in relation to a discursive genre view. The analyses indicated some new elements added as much in the compositional structure as stylistics, such as: an informal presentation owing to a direct participation of the audience, and a large use of technology to show the data related to the weather forecast.

**Keywords:** Discursive Genre. Style. Forecast Weather.

**Résumé:** Cet article a eu pour but d'examiner les changements dans le genre discursif de la météo présentée dans un journal télévisé. Pour atteindre cet objectif, trois énoncés, de 1976, 1991 et 2019, ont été sélectionnés et analysés, au regard des études bakhtiniennes, quant aux modifications survenues en ce qui concerne la composition et le style. L'analyse a indiqué

---

\* Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - CT Curitiba. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada (GRUPLA). <http://orcid.org/0000-0003-2797-9207> / E-mail: [nivea.rohling@gmail.com](mailto:nivea.rohling@gmail.com)

\*\* Mestre em Estudos de Linguagens do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2020). <http://orcid.org/0000-0003-2848-2649> / E-mail: [aline.folloni@gmail.com](mailto:aline.folloni@gmail.com)

\*\*\* Professora Adjunta I da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e membro do Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada (GRUPLA). <http://orcid.org/0000-0001-6951-6425> / E-mail: [paulasilveira.luce@gmail.com](mailto:paulasilveira.luce@gmail.com)



l'insertion d'elements compositionnels et stylistiques dans la production du genre, tels qu'un plus grand niveau d'informalité, vu que la participation du téléspectateur est devenue directe, et une plus grande utilisation de la technologie dans la présentation des données.

**Mots-clés:** Genre discursif. Style. Météo.

## Palavras iniciais

Afirmar que a concepção de gênero discursivo sob o mirante bakhtiniano remete a um enunciado relativamente estável, e que se constitui a partir da tríade dos elementos: tema, composição e estilo, já é um truísmo na área. Nas discussões sobre gênero discursivo, este estudo mostra-se produtivo, pois traz à tona a questão dos modos de alteração/evolução dos enunciados de determinado gênero na historicidade, o que remete às transformações históricas e culturais no tocante aos modos de interação social nas práticas culturais no interior das atividades humanas. Essa possibilidade de transformação dos gêneros está atrelada à noção de plasticidade dos gêneros, isso porque os gêneros constituem-se a partir de uma (relativa) estabilização de novas situações sociais de interação e, uma vez constituídos, podem também se alterar, complexificar-se e transmutar-se em virtude das especificidades das interações sociais (SILVEIRA; ROHLING; RODRIGUES, 2012).

Ademais, os modos de interagir na contemporaneidade têm sido atravessados pelas tecnologias digitais, no interior da cultura digital, que, segundo Rüdiger (2011), configura um espaço-tempo no qual a comunicação e a própria informação assumem papel central nas práticas contemporâneas. E mesmo nas mídias tradicionais, como a TV e o rádio, por exemplo, há um atravessamento das mídias digitais. Esse fenômeno foi denominado por Jenkins (2009) de cultura da convergência, que mescla linguagens a partir da relação de diferentes mídias.

Um exemplo dessa alteração nas formas de interação mediante o fenômeno da convergência midiática é o gênero previsão do tempo, o qual tem implicações do ponto de vista da composição e do estilo do gênero. O gênero discursivo previsão do tempo, veiculado na televisão, sofreu grandes modificações composicionais e estilísticas ao

longo dos anos. Essas mudanças ocorreram, principalmente, devido à inserção de inovações tecnológicas voltadas para a área da comunicação e da informação.

Tais avanços influenciaram no chamado estilo ou unidades semióticas do gênero (ROJO, 2013). Vale destacar que a concepção de gênero postulada por Bakhtin, na qual se ancora esta análise, é a de um enunciado constituído por três dimensões: tema, composição e estilo. Sendo que esse último refere-se à seleção dos recursos inerentes à língua dentro de determinado texto. Revisitando essa noção, Rojo (2013) propõe que o conceito de estilo seja ampliado de modo a considerar as unidades semióticas, uma vez que, com o advento dos recursos tecnológicos, outras linguagens foram incorporadas ao estudo dos gêneros, o que, conseqüentemente, acarretou novas abordagens, diante da variedade de textos expostos na mídia.

Este artigo busca investigar, portanto, de que maneira ocorreram as modificações no gênero previsão do tempo televisivo, envolvendo principalmente, questões concernentes ao estilo. Para tanto, recorreu-se aos postulados do Círculo de Bakhtin (2016 [1953]) no que diz respeito ao conceito de gêneros discursivos e à ampliação desses conceitos proposta por Silva (2009); Acosta Pereira (2012); Brait (2013) e Rojo (2013); a fim de analisar três períodos da previsão do tempo apresentada no Jornal Nacional, compreendendo os anos de 1976, 1991 e 2019.

O artigo está organizado em cinco seções. Inicialmente, revisita-se o conceito de gêneros discursivos com o objetivo de explicitar a sua produtividade e importância para os estudos linguísticos e para o ensino de línguas no Brasil. Em seguida, descrevem-se os dados da pesquisa, o gênero discursivo previsão do tempo em um recorte espaço-temporal. Na sequência, busca-se historicizar o gênero a partir do conceito de cronotopo e as duas últimas seções são dedicadas à análise e interpretação dos dados.

## **O gênero discursivo em Bakhtin: revisitando conceitos**

O conceito de gênero discursivo, tal como debatido hoje nas diferentes vertentes de estudo de gêneros textuais/discursivos<sup>1</sup>, deriva ou faz alusão ao conceito bakhtiniano, postulado no texto seminal intitulado: “Os gêneros do discurso” (1953), no qual o conceito é delineado e Bakhtin opta pelo termo “gêneros do discurso”. Assim, esse termo acabou sendo também o mais utilizado nas pesquisas sobre gêneros. No entanto, a terminologia para referir-se ao gênero na obra bakhtiniana oscila entre formas de discurso social, formas de um todo e tipos de interação verbal (RODRIGUES, 2005).

Nessa formulação, fixou-se a noção de gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, ou seja, por meio de enunciados individuais, que se movimentam em direção a uma certa regularidade, emerge o gênero, e essa relativa estabilização acontece por meio de seu uso em interações sociais concretas e situadas em determinadas situações de uso da linguagem. Nessa definição, a palavra “relativamente” é essencial, posto que denota a flexibilidade do gênero, a qual está diretamente ligada às interações sociais. Se as relações humanas são complexas, as mudanças ininterruptas, e os gêneros constituem-se a partir das atividades humanas, conseqüentemente, eles irão refletir e refratar as mudanças histórico-sociais de uma época.

Ainda sobre a conceituação de gêneros, trata-se de uma “tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável.” (RODRIGUES, 2005, p. 164). Na visão de Rodrigues (2005), é preciso olhar os gêneros a partir de sua historicidade, uma vez que não são unidades convencionais, mas tipos históricos de enunciados, possuindo a mesma natureza do enunciado – natureza social, discursiva e dialógica –, e se compõe pela tríade: tema, composição e estilo. O conteúdo temático relaciona-se às escolhas do objeto do discurso feitas pelo falante para

---

<sup>1</sup> Rojo (2005), no texto intitulado: “Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas”, aponta que há uma discussão sobre a diferença teórico-metodológica envolvida no uso das terminologias: teoria de gêneros do discurso ou discursivos e teoria dos gêneros de texto ou textuais. Para a autora, ambas as leituras estão ancoradas em diferentes leituras bakhtinianas, mas a distinção está no fato de que a primeira centra seu estudo nas situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos e a segunda, na descrição da materialidade do texto. Ainda considerando que as diferentes correntes de estudos de gênero mobilizam esse conceito de modo distinto, algumas privilegiando a materialidade do texto e outras a interação social, que remete ao gênero como um objeto social, histórico e discursivo, opta-se por manter a distinção proposta pela autora e adotar o termo gênero discursivo.

compor seu discurso. Vale destacar que tais escolhas são realizadas na interlocução; o objeto pode também surgir de outros enunciados em forma de reação-resposta ativa. Já a construção composicional, por seu turno, está relacionada à organização discursiva e à relação entre os interlocutores, possibilitando a noção de acabamento do enunciado. O estilo, por sua vez, tem relação com a “seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 262), mas que contemporaneamente relaciona-se à noção de unidades semióticas (ROJO, 2013), ou a de dimensão verbo-visual dos enunciados (ACOSTA PEREIRA, 2012; BRAIT, 2013).

Decorridas já algumas décadas de pesquisas sobre gêneros textuais e discursivos, uma vez que, no Brasil, foi impulsionada, em partes pela publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, talvez não caiba mais demorar na definição, que já está posta no campo, mas enfatizar sua produtividade ainda hoje, em que se ratifica esse conceito como profícuo para pesquisas no campo dos estudos da linguagem e suas possibilidades de elaboração no campo de didática das línguas. Isso porque o mais recente documento oficial de ensino, a Base Nacional Comum Curricular, reitera o gênero como um importante articulador dos eixos de trabalho com a linguagem na escola.

### **Descrição dos dados de análise**

O Jornal Nacional (JN), o primeiro noticiário a ser transmitido em rede e um dos principais telejornais do Brasil, está no ar desde 1.º de setembro de 1969 (MEMORIAL GLOBO, c2021). Com esse diferencial de noticiar simultaneamente para todo o território nacional, certos desafios se impuseram no que tange às particularidades de cada região, tal como a meteorologia.

Ainda segundo o Memorial Globo (c2021), nas primeiras décadas do telejornal, a previsão do tempo era realizada de maneira bastante genérica: “tempo bom” para dias de sol e “mau tempo” para dias de chuva. Porém, após questionamentos, essas expressões foram reformuladas, uma vez que, para o Nordeste, por exemplo, que enfrenta problemas hídricos críticos, a chuva representa uma condição benéfica, logo, não pode

ser considerada como “mau tempo”. Assim, substituiu-se por “dia ensolarado” e “dia chuvoso”.

Apenas no dia 08 de julho de 1991, o jornal passou a contar com um quadro próprio para a previsão do tempo, não sendo mais apenas lido ao final do programa. Inicialmente, com apresentação de Sandra Annenberg, primeira jornalista mulher com participação diária no noticiário, a previsão do tempo era exibida por meio de um mapa, o chamado Mapa Tempo, e, segundo a jornalista, era tido como a grande estrela, visto que, até então, a previsão era somente lida pelo âncora sem nenhuma referência visual para os telespectadores. Dessa forma, os mapas, a partir dessa estreia, passaram a contar com uma diversidade de recursos tecnológicos – começando com o *chroma-key* (*fundo verde*) (1991), para um cenário totalmente virtual (2019) (MEMORIAL GLOBO, c2021).

Tendo em vista o grande alcance do JN, em termos de audiência e credibilidade, é que se optou em analisar a evolução desse quadro no que diz respeito às mudanças composicionais e estilísticas do gênero discursivo em questão. Além disso, a facilidade de localizar materialmente tais períodos (1976, 1991 e 2019), na plataforma do *YouTube*, favorece um panorama do gênero ao longo desses anos.

Sendo assim, para a presente análise, os seguintes vídeos foram elencados, conforme a tabela 1.

Tabela 1 – Vídeos selecionados para análise

Ano	Apresentador	Duração do quadro	Link de acesso aos materiais analisados
1976	Cid Moreira	+ - 15” <sup>2</sup>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=AkY1UzbPDOg">https://www.youtube.com/watch?v=AkY1UzbPDOg</a>
1991	Sandra Annenberg	50”	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=J3N8bofYaQs">https://www.youtube.com/watch?v=J3N8bofYaQs</a>
2019	Maju Coutinho	2’46”	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=I99QxRBdaik">https://www.youtube.com/watch?v=I99QxRBdaik</a>

Fonte: Elaborada pelas autoras

<sup>2</sup> O vídeo de 1976 não contém a previsão completa.

No *corpus* acima apresentado, é possível verificar o ano de exibição da referida previsão do tempo, bem como quem a apresentou, o tempo de duração de cada um dos quadros e, por fim, o link de acesso aos materiais.

### **O cronotopo do gênero previsão do tempo: a relação homem e o tempo**

Na leitura bakhtiniana, cada gênero se assenta em determinado cronotopo, que se refere à relação espaço-tempo. A noção de cronotopia é apresentada por Bakhtin principalmente em dois textos, *O Cronotopo de Rabelais* (1998) e *O tempo e o espaço nas obras de Goethe* (2003). Mais que conceituar essa categoria, o autor mobiliza tal conceito à análise do gênero romanesco. Conforme Rodrigues (2005), cada gênero está situado em um diferente cronotopo: apresenta determinado horizonte espacial, temporal, temático e valorativo; possui diferentes finalidades ideológico-discursivas e tem distintas concepções de autor e destinatário (auditório social) da interação discursiva. Isso leva a considerar que mesmo os gêneros de uma mesma esfera sócio-discursiva, como os gêneros jornalísticos, têm constituição cronotópicas distintas, e, portanto, podem ser analisados em suas particularidades (SILVA, 2009). Desse modo, observar o gênero previsão do tempo do ponto de vista de suas alterações composicionais e estilísticas remete a um olhar anterior e particular para seu cronotopo, que se refere a uma longa historicidade na relação homem e tempo na condição de forças da natureza ou condições climáticas.

Há indícios de que a relação entre o homem e a meteorologia remonta aos povos primitivos. A necessidade do ser humano em conseguir ler os fenômenos da natureza estava intimamente ligada à sua sobrevivência, uma vez que, tanto a atividade de caça, quanto a busca por abrigo dependiam dos fatores climáticos. Posteriormente, anotações em placas de barro foram localizadas e atribuídas aos babilônios, nas quais havia suposições acerca do clima (MOURA, 1986). Entretanto, foi somente com os gregos que

os estudos meteorológicos ganharam um registro oficial, tendo Aristóteles como o primeiro autor a tratar do clima.

Em uma época em que os deuses eram responsabilizados por toda e qualquer alteração climática, Aristóteles procurou abordar o clima de maneira filosófica, porém, ainda especulativa (IAG-USP, 2021). René Descartes também se preocupou com as questões do clima em uma das partes do livro *Discurso do Método* (1637). Contudo, apesar da sua tentativa em elevar tais estudos a um patamar científico, ainda há muitos equívocos em relação às explicações climáticas, assim como na obra aristotélica (TIBURCIO, 2021).

Por fim, a meteorologia apenas ganhou *status* de ciência a partir do século XVI, com o advento tecnológico dos equipamentos de medição atmosférica, como o termômetro e o barômetro, por exemplo.

Os instrumentos meteorológicos continuam em constante evolução, visto que, do ponto de vista das práticas sociais, saber com certa precisão a previsão do tempo permite ao ser humano prevenir-se tanto em relação ao seu trabalho quanto à sua segurança pessoal. Para um agricultor, por exemplo, estar informado sobre as chuvas permite a escolha do melhor dia para o plantio e para a irrigação, ou ter conhecimento sobre a direção e a velocidade do vento, auxilia-o na aplicação de defensivos agrícolas. Ou, para um trabalhador do mar que depende das informações acerca do tempo para saber a respeito do tamanho das ondas, visibilidade e ressacas. Ou, ainda, o funcionário da construção civil, o qual depende da chuva para determinar o ritmo das obras.

No que diz respeito à própria segurança, ao informar-se sobre a ocorrência de furacões, tempestades e vendavais, as pessoas conseguem buscar abrigo a tempo ou se prevenir antes de acontecer qualquer desastre.

Assim, em posse da informação meteorológica, é possível tomar medidas preventivas que zelam tanto pelo desenrolar das atividades cotidianas e laborais, quanto pela proteção à vida. A partir dessa relação intrínseca entre as atividades humanas e o tempo na sua condição meteorológica, as empresas de comunicação têm investido, há alguns anos, em noticiar a previsão do tempo de modo a mediar a compreensão e o acesso a essas informações pelo público em geral. Essa prática discursiva de noticiar as previsões do tempo pelas empresas de comunicação midiática não data de agora. De

acordo com Zuza e Jesus (2009), desde 1879, há a divulgação regular da previsão do tempo, em jornais impressos europeus. Em 1920, houve a primeira transmissão da previsão via rádio, no noticiário da BBC (*British Broadcasting Corporation*), na Grã-Bretanha. Somente 30 anos depois, a BBC começou também a apresentar na televisão os boletins do tempo ainda apenas por intermédio de mapas e, em 1954, um apresentador passou a assumir a função de informar o tempo (ZUZA e JESUS, 2009).

Zuza e Jesus (2009, p. 6) reportam, inclusive, de que maneira ocorreu essa transição citando uma matéria da BBC:

De segunda-feira em diante as notícias e previsões serão apresentadas por um meteorologista que irá explicar e comentar os gráficos. [...] O apresentador irá mostrar, por exemplo, como as condições meteorológicas esperadas para amanhã são condicionadas pelo tempo sentido hoje.

Nos Estados Unidos, nos anos de 1970, com advento das televisões a cabo, surgiram canais voltados apenas à previsão do tempo. Um dos que permanecem até hoje, lançado em 1982, é a *The Weather Channel*. Inspirado nesse modelo, o canal brasileiro *Climatempo* está no ar desde 1999.

No que diz respeito à televisão aberta, geralmente, os noticiários possuem o quadro da previsão do tempo. Um dos que mais recebe destaque é o que compõe o *Jornal Nacional*, um dos maiores jornais da televisão brasileira em termos de audiência, apresentado em horário nobre pela Rede Globo, no ar desde 1969. Ao longo desse período, a previsão do tempo nesse jornal assumiu diversos formatos e aventa-se que, do ponto de vista do gênero, a mudança ocorreu, principalmente, no que concerne ao estilo ou, tal qual sugerido por Rojo (2013), quando tematiza as unidades semióticas como discorre-se na seção analítica.

Nesta seção, busca-se historicizar o modo como o gênero previsão do tempo se relaciona a um cronotopo maior, que é a prática social mais ampla de observação do homem dos elementos do tempo/da natureza a fim de melhorar suas atividades laborais e até como forma de garantir sua sobrevivência. Na sequência, nesse cronotopo maior, essa observação foi aprimorada pela atividade científica por meio da criação de dispositivos tecnológicos utilizados para medição e previsão das condições climáticas.

Essa prática de observação científica demandou a necessidade de uma elaboração dos conhecimentos científicos sobre a meteorologia para o público em geral. Nesse contexto, o jornalismo entra como um mediador ou tradutor desse conhecimento científico. Assim, o gênero previsão do tempo se funda sobre uma prática jornalística recorrente que é a popularização da ciência. Vale ressaltar que, de acordo com Rodrigues (2005), cada gênero “reflete” no seu próprio conteúdo temático, no estilo verbal e na composição, as condições e a finalidade da esfera a qual pertence e “[...] cada esfera conhece e ‘aplica’ os seus próprios gêneros.” (RODRIGUES, 2001, p. 7). Então, é no interior dessa esfera sociodiscursiva que a análise do gênero se deu, mas considerando essa relação com a grande temporalidade da produção de discursos.

Desse modo, considerando essas condições sociais mais amplas que possibilitaram a emergência desse gênero na esfera jornalística, a seção a seguir detalha a análise de enunciados específicos do gênero previsão do tempo com enfoque nas alterações observadas na materialidade semiótica dos enunciados do gênero.

### **A previsão do tempo na condição de gênero discursivo**

“*Vamos agora para a previsão do tempo*”: essa frase marca a transição entre o âncora e o apresentador das informações acerca do tempo, em um jornal televisivo, é a deixa que abre espaço para esse enunciado, que se intercala na programação do programa.

Como dito antes, o gênero previsão do tempo se constitui e circula na esfera sociodiscursiva do jornalismo e tem como principal objetivo discursivo informar seu público (interlocutor previsto) às condições climáticas do tempo de uma data futura próxima, numa espécie de mediação das informações advindas das agências de meteorologia. Os interlocutores previstos do gênero são os jornalistas-apresentadores, considerados os enunciadorees na cena interlocutiva e os telespectadores, espalhados pelo país e que integram uma “massa” compreendida como a audiência do programa, que é medida tecnologicamente.

Do ponto de vista composicional, mais especificamente no aspecto textual, o gênero discursivo previsão do tempo assume um caráter híbrido entre exposição e descrição. O suporte dos enunciados desse gênero é variado, podendo ser impresso ou oral. Conforme descrito na seção 2, este artigo propõe-se a analisar a previsão do tempo apresentada na televisão, mais precisamente, dentro de um telejornal.

A seguir, a tabela 2 sumariza algumas regularidades observadas no gênero previsão do tempo.

Tabela 2 – Regularidades do gênero Previsão do Tempo

Gênero discursivo	Tema	Suporte	Objetivo Discursivo	Estilo	Formato	Interlocutores da interação discursiva	Componentes composicionais
Previsão do tempo	Previsão do tempo	Televisão	Informar acerca das condições do tempo aos telespectadores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Linguagem formal;</li> <li>- Indicação gestual/corporal para o mapa em tela;</li> <li>- Tempo verbal predominante : futuro, indicando previsão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mapa ao fundo;</li> <li>- Apresentador à frente;</li> <li>- Imagens que indicam a chuva/o sol...</li> <li>- Podem conter gráficos (variação de temperatura, volume de chuvas, etc.).</li> </ul>	Telespectadores e jornalistas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura com um “bom dia/boa tarde/boa noite”;</li> <li>- Indicação no mapa das áreas a serem informadas e descrição da situação climática naquele local</li> <li>- Despedida.</li> </ul>

Fonte: Elaborada pelas autoras

O gênero discursivo previsão do tempo tem como objetivo comunicacional informar as condições do tempo, tanto para o período do dia corrente quanto para os dias subsequentes. Entretanto, é possível verificar uma quebra, eventualmente, dessa perspectiva de futuro, quando um evento excepcional ocorreu recentemente, como excesso de chuvas, forte granizo, neve, calor demasiado e outras intempéries.

A apresentação segue uma estrutura tanto visual quanto verbal. No que diz respeito à visualidade, nota-se a presença de um mapa, do país ou de certa região, com

o apresentador à frente, indicando as áreas, conforme as menciona. As áreas citadas possuem imagens ora de um sol, de um sol entre nuvens, de nuvens escuras, de nuvens com raios, e cada um deles possui uma representação: de dia ensolarado, com céu encoberto, ou de fortes chuvas, por exemplo. Por vezes, um gráfico pode ser exibido para ilustrar a variação de temperatura, volume de chuvas, umidade relativa do ar, entre outras informações.

No que tange ao aspecto verbal do gênero, constata-se os cumprimentos do apresentador para o âncora bem como para o telespectador, seguida da apresentação dos aspectos meteorológicos para o dia ou o período, e é finalizado com uma despedida também para quem apresenta o telejornal e para quem o assiste.

### **A previsão do tempo ao longo dos anos: a questão da plasticidade do gênero**

O foco principal dessa análise é evidenciar o modo como o gênero previsão do tempo vem se alterando ao longo do tempo no tocante ao aspecto de sua composicionalidade e de estilo, o que aponta para plasticidade e o caráter dinâmico dos gêneros que são objetos socioculturais constituídos e arregimentados nas práticas sociodiscursivas dos grupos sociais. Para observar tais mudanças no gênero previsão do tempo em um noticiário televisivo, como dito antes, foram selecionados três momentos da história do Jornal Nacional: 1976, 1991 e 2019. A escolha desses períodos se deve à facilidade de acesso aos vídeos na plataforma do *YouTube*.

Em 1976, o Jornal Nacional já estava no ar há sete anos e contava com a dupla de âncoras Sérgio Chapelin e Cid Moreira.

“*Um dia com pouco azul no céu*” foi assim que Cid Moreira deu início às notícias acerca do tempo naquela noite. Logo após essa afirmação, o fundo azul, com a logomarca JN, saiu de cena e apareceu um mapa em seu lugar, contendo o nome das cinco regiões brasileiras. Para dar visibilidade ao mapa, a imagem do apresentador, que estava ao centro, deslocou-se para a esquerda. É interessante destacar que Cid Moreira permanece sentado, ao ler as informações sobre a previsão do tempo (Fig. 1).

Figura 1: Cid Moreira apresenta a previsão do tempo em 1976



Fonte: Jornal Nacional

Ao se referir ao Norte do país, uma nuvem formou-se sobre a região, indicando a nebulosidade; o mesmo ocorreu ao tratar do Nordeste: uma nuvem com um sol parcialmente encoberto mostrou-se onde consta essa região. Da mesma forma, ao se referir sobre o Sudeste e o Sul, novamente, uma nuvem e um sol apareceram sobre as respectivas regiões.

É curioso observar que a descrição do tempo ocorre de maneira bastante abrangente, visto que separa as informações por regiões. Em alguns momentos, o jornalista menciona alguma capital, entretanto, sem maiores detalhes.

Esse enunciado do gênero, materializado desse modo verticalizado, evidencia um sentido que aponta a esfera jornalística, nessa época, como detentora do conhecimento sobre o clima. O jornalista, ao apenas ler o *script* do tempo, sem nem ao menos lançar um olhar em direção ao mapa, coloca-o em uma posição de quem somente noticia de modo distanciado sem interagir, nem com o recurso visual, nem com o interlocutor.

No que diz respeito às tecnologias, é possível aventar que os recursos presentes na época determinam/incidem nas escolhas e possibilidades estilísticas. Faz-se necessário destacar que, desde 1973, o jornal já era apresentado em cores, o que permitia diferenciar uma região da outra se valendo dessa possibilidade<sup>3</sup>. Além disso, a

---

<sup>3</sup> Na Figura 1, não é possível verificar as cores devido à qualidade da imagem do vídeo.

composição do mapa, com as ilustrações aparecendo no modo “Revelar” e conforme a fala do âncora, remete a um certo dinamismo do quadro jornalístico confrontado pela postura apática e distanciada do apresentador.

Apesar de o vídeo não estar completo, é possível depreender que a previsão do tempo tem uma duração aproximada de 30 segundos. Provavelmente, o pouco espaço oferecido a esse gênero nessa época é em virtude, justamente, do caráter puramente descritivo das condições climáticas separadas pelas cinco regiões do Brasil.

Já na previsão do tempo em 1991, a forma composicional do quadro da previsão do tempo mostra-se diferente em relação a 1976, isso porque o âncora não é mais o responsável em noticiar o tempo: há um jornalista específico para esse fim, um outro enunciador na cena enunciativa. Nesse caso, Cid Moreira anuncia o quadro e quem surge diante dos olhos do telespectador é Sandra Annenberg, como mostra a figura (Fig. 2) a seguir.

Figura 2: Sandra Annenberg apresenta a previsão do tempo em 1991



Fonte: Jornal Nacional

Essa alteração se mostra como uma estratégia discursiva que aponta para um destaque ou uma espécie de descolamento da previsão do tempo em relação ao todo do conteúdo semântico objectal do telejornal. Esse descolamento acaba por produzir um efeito de que a previsão do tempo passa a ser um enunciado intercalado no interior do

telejornal. De acordo com Rodrigues (2001), um dos traços que aponta para a heterogeneidade dos gêneros tem relação com a característica de combinação, de intercalação (implantação) de gêneros, que pode ser observado tanto no seu processo histórico de formação quanto no seu funcionamento discursivo. Para a autora, “a intercalação de gêneros ocorre quando um enunciado de um gênero A insere/intercala um enunciado (ou um trecho de enunciado que representa o enunciado inserido como um todo) de um gênero B.” (RODRIGUES, 2001, p. 256).

“*E agora a previsão do tempo para amanhã*”: essa é a frase-gatilho do apresentador para entrar no ar as notícias acerca do tempo. A jornalista aparece na tela, em pé, em outro cenário, ou seja, em um espaço diferente do qual o âncora se encontra. Ela já está posicionada do lado esquerdo do vídeo e, ao seu lado, há a imagem do planeta Terra, como se envolto por satélites. Sandra Annenberg inicia o quadro comentando sobre “uma nova frente fria”, isso ainda sem a presença do mapa. Essa maneira de introduzir o tema “previsão do tempo” aproxima-se, de certo modo, de uma conversa entre a apresentadora e o telespectador. Na sequência, a jornalista indica a foto do satélite meteorológico, a qual aparece na tela por meio da animação “Surgir”. Nesse momento, Sandra Annenberg vira-se para a imagem e aponta para a região do mapa onde haverá nuvens. Da mesma forma, ela mostra o mapa seguinte, cuja informação principal é a presença de chuvas na região listrada. Além disso, o mapa sofre uma alteração recebendo uma nova coloração vinda de cima para baixo, é a hora de informar as temperaturas máximas de algumas capitais do país.

O quadro ganhou maior espaço na grade jornalística. O tempo total investido para noticiar sobre as condições climáticas do dia seguinte foi de 50 segundos.

Nota-se que, entre os jornalistas, não há gestos de interlocução, ou seja, nada que indique um diálogo, uma palavra ou um olhar de qualquer natureza; é como se os jornalistas não partilhassem a mesma cena enunciativa, a saber o telejornal. Entretanto, entre Sandra Annenberg, o mapa e o público-interlocutor uma relação interlocutiva responsiva-ativa começa a ser estabelecida. Ainda de modo tímido, porém, mais marcante que em 1976. Isso fica evidente na preocupação esboçada pela jornalista em indicar na imagem a presença de nuvens, a região chuvosa, tempo nublado, entre outras informações, o que sinaliza uma espécie de legenda para o telespectador.

Os recursos tecnológicos estão mais em evidência em 1991, em se tratando do gênero previsão do tempo. É possível observar a mudança de cores diante dos nossos olhos, assim como o aparecimento e o sumiço das temperaturas máximas das capitais mencionadas pela apresentadora.

A postura de Sandra Annenberg, no campo do estilo, ou seja, das escolhas lexicais e fraseológicas, é ainda bastante formal, assim como a de Cid Moreira em 1976. Ela veste um blazer claro, fechado, com uma blusa de gola alta salmão por baixo. Essa forma de vestir-se transmite seriedade e profissionalismo; assim como seu cabelo curto, o qual, normalmente, traduz uma personalidade prática e objetiva, características valorizadas no âmbito profissional.

Salta-se 42 anos e chega-se à previsão do tempo em 2019 em que há um “boom” da tecnologia no interior do gênero previsão do tempo. Maria Júlia Coutinho, mais conhecida como Maju Coutinho, é a moça do tempo desde 2013 do Jornal Nacional. Seus colegas de profissão a tratam por “Maju”, o que aproxima tanto os apresentadores quanto os telespectadores. Além disso, a interação entre eles, apesar de não ser direta, visto que a sede do Jornal Nacional localiza-se no Rio de Janeiro e Maju Coutinho fica em São Paulo, é bastante informal: as jornalistas ficam de pé e frente a frente, como se estivessem conversando pessoalmente (Fig. 3). Só o fato de ser possível transmitir ao vivo informações de outro estúdio, acrescentando tela sobre tela, já indica o alto grau de tecnologia empregada para esse quadro.

Figura 3: Maju Coutinho apresenta a previsão do tempo em 2019



Previsão do tempo - 12/01/2019

Fonte: Jornal Nacional

A previsão do tempo com Maju é, na verdade, um diálogo. A jornalista, por exemplo, trata a âncora pelo nome e apresenta vídeos recebidos pelos telespectadores, cujos materiais passam, portanto, a integrar o gênero de uma maneira interativa. É uma forma de agenciamento por parte do telespectador próprio da cultura da convergência (JENKINS, 2009). Aqui, a esfera jornalística passa a compartilhar a função de informar com seu público, passa a trazê-lo para cena enunciativa como um interlocutor ativo. Dessa forma, aquele papel/posição de “soberana da informação”, detentora de um certo saber sobre o clima ou de poder veiculá-lo, é substituído pela posição de facilitadora de divulgação da informação. Trata-se, pois, de uma estratégia enunciativa num momento em que o telespectador, que migra/opta de modo avassalador pelas interações em mídias digitais ou serviços de *streaming*, não quer mais somente ouvir “estaticamente”, quer também, de algum modo, “participar”, ser “agentivo”.

É curioso destacar que o quadro da previsão do tempo, especialmente, apresentado por Maju, é sempre diferente um do outro, pois inicia de maneiras diversas. Contudo, nesse dia, a frase-gatilho da âncora Renata Vasconcelos para introduzir o assunto da previsão foi: “Oi, Maju! Boa noite! E essa chuva toda continua para todo o Brasil?”. O discurso direto empregado nessa fala expressa o tom de informalidade, geralmente, empregado nesse quadro do programa. Maju, por sua vez, responde dizendo: “Continua, Renata. Boa noite, pra você, pro Bonner e pra todos!”, assumindo uma linguagem mais cotidiana e dialogal. Essa marca de personalidade na escolha estilística

no enunciado está presente também quando a apresentadora se refere a algumas cidades, como Floripa para Florianópolis, BH para Belo Horizonte e Rio para Rio de Janeiro a fim de produzir/estabelecer um acento de proximidade com os telespectadores dessas localidades. Inclusive, a jornalista utiliza termos mais populares para tratar do tema. Ela fez uso dos seguintes termos: “granizada”, “debaixo de muita água” e “só escapam dessa possibilidade de chuva” para poder informar o tempo.

No que tange aos recursos empregados nas telas, observa-se o uso de imagens dinâmicas, as quais recebem *zoom* em certas regiões, quando se objetiva dar destaque a uma área; fundos animados, mesmo em momentos em que há gráficos ou tabelas; amplo uso de cores com predomínio de um fundo azul; intercalação de um vídeo enviado por uma telespectadora (Fig. 4); e, grande diversidade de mapas, com uso de diferentes ferramentas – desenhos móveis, escala de cores, por exemplo. Esse conjunto evidencia que, do ponto de vista das unidades semióticas mobilizadas, há um aumento significativo em termos de recursos multissemióticos (cores, movimento, enquadramentos) acionados no gênero em função da inserção de tecnologias digitais, disponíveis na cultura digital e que são mobilizadas pelo jornalismo contemporâneo.

Figura 4: Maju Coutinho apresenta a previsão do tempo em 2019.



Fonte: Jornal Nacional

Diferentemente dos outros apresentadores do tempo, de 1976 e 1991, Maju veste-se de maneira mais despojada. Nesse dia, ela trajava um macacão laranja com um pequeno decote. Seu cabelo cacheado estava solto e bem natural. Essa postura na

vestimenta também transmite uma imagem de informalidade. Além disso, ela é bastante simpática, sorri e dá risadas, enquanto noticia as principais informações sobre o tempo (Fig. 5).

Figura 5: Maju Coutinho apresenta a previsão do tempo em 2019



Fonte: Jornal Nacional

Em 2019, a duração média do quadro da previsão do tempo é de quase três minutos. Isso porque não há apenas a descrição do tempo do dia seguinte, existe uma preocupação em relacionar outros assuntos vinculados a esse tema (Fig. 6). Portanto, além das unidades semióticas, houve também uma alteração no conteúdo temático-valorativo que atravessa o todo do enunciado do gênero, uma vez que se confundem/se hibridizam o tom noticioso e o tom de previsão. Antes, o gênero se restringia a informar a previsão do tempo, agora, mistura notícias de acontecimentos diversos mesclado à previsão.

Figura 6: Maju Coutinho apresenta a previsão do tempo em 2019.



Fonte: Jornal Nacional

Da análise empreendida até aqui, é possível sumarizar que as alterações no gênero previsão do tempo referem-se ao modo de interagir que se revela pelo posicionamento/gesto corporal dos enunciadores na cena enunciativa. Essa mudança não está só ligada ao gênero, mas ao modo de se fazer jornalismo televisivo na atualidade. O jornalismo televisivo é interpelado pela demanda de maior interação com o público de modo a intensificar a relação interlocutiva e manter a audiência da programação em face a um interlocutor cada vez mais agêntivo. Os tempos são outros – trata-se de uma cultura digital constituída de multimodalidade, hipermidialidade, convergência de mídias, o que exige maior contato com o público; uma atitude mais responsiva-ativa mais evidente por parte dos enunciadores que não são mais a única fonte de informação.

A cultura digital, por outro lado, possibilitou agregar recursos semióticos e tecnológicos que permitem essa maior “interatividade” e dinamicidade no gênero.

Assim, se pensar que, para Bakhtin, é a interação discursiva entre sujeitos situados numa dada situação interlocutiva que incide decisivamente nas regularidades genéricas do ponto de vista da composição e estilo, pode-se dizer que as práticas da cultura digital estão pressionando os gêneros das mídias tradicionais para que possam “sobreviver”. Assim, os gêneros constituídos nas mídias como TV e rádio estão cada vez

mais em diálogo com as mídias digitais, trata-se do conceito de convergência de mídias (JENKINS, 2009), que marca a contemporaneidade.

Para exemplificar essa nova relação entre essas diferentes mídias a fim de favorecer cada vez mais a aproximação com os leitores/autores, nota-se, em uma publicação feita no *Twitter*, pelo próprio perfil do Jornal Nacional, no dia 22 de abril de 2019, as ferramentas que possibilitam a interação entre o Jornal e seus seguidores (Fig. 7). Ali, é possível comentar o *tweet*, inclusive, usando imagens, vídeos, textos, *emojis* expressando reações, ainda existe a possibilidade de repostar, no próprio perfil, tal postagem ou apenas curtir, clicando no coração.

Figura 7: Reprodução do quadro previsão do tempo no Twitter



Fonte: Jornal Nacional no Twitter

Na figura 7, pode-se observar a presença de uma *hashtag*, o que caracteriza um *hiperlink*, (#JN), e a interação dos usuários por meio dos comentários, representado por um balão de fala, repostagens e curtidas.

Cabe ressaltar que esse perfil é público e representa um programa. Entretanto, os mesmos recursos podem ser usufruídos por qualquer usuário do *Twitter*. Isso quer dizer que tudo o que está exposto na mídia é passível de interação nessa correspondência entre leitor-autor, ou seja, não existe, necessariamente, uma hierarquia: apenas os programas

de TV podem publicar/informar assuntos referentes às suas pautas. Não. Todos têm o mesmo direito nesse espaço, em se tratando dessa relação.

Portanto, essa retomada dos conceitos do Círculo de Bakhtin proposto por Rojo (2013) contempla, justamente, esse novo vínculo estabelecido entre autor-leitor e a inclusão de Mídias e Tecnologias no âmbito da situação de interação discursiva. Rojo (2013) explica que essa situação, na perspectiva bakhtiniana, abrangia Esfera de Circulação (religiosa, científica, jornalística, acadêmica, jurídica,..); Tempo e Lugar Históricos, uma vez que os enunciados são proferidos em um tempo e em um espaço socialmente marcados; Participantes – relações sociais, isto é, seus interlocutores e locutores e as possibilidades que emergem a partir dessas relações; Conteúdo temático, visto que cada esfera possui suas normas do que pode/deve ser dito em uma dada situação; e, Apreciação Valorativa, cuja ideia é “filtrar” o que se diz com base em julgamentos de valor no que diz respeito ao próprio tema, aos interlocutores e aos seus lugares sociais, determinando a temática relativamente estável de determinado gênero.

Dessa forma, na nova configuração proposta pela autora, as Mídias e Tecnologias ocupariam uma posição logo após a Esfera e o Tempo e Espaço. Isso se dá, provavelmente, pela subordinação dessas ferramentas digitais diante da Esfera – onde se diz o que se diz – e à mercê das constantes evoluções tecnológicas dentro desse espaço midiático. Obviamente, esses aspectos dialogam com os participantes da interação discursiva, porém, estes estão mediados pelas Mídias e Tecnologias.

Além disso, dentro do próprio gênero, a forma composicional tradicional recebe um codinome – modalidades –, evocando a noção de variedade de formas possíveis dentro das mídias. Assim como o estilo, conforme já mencionado, que passa a ser unidades semióticas.

## **Considerações finais**

A relação entre o homem e o tempo não é recente, considerando a necessidade do ser humano em lidar com os fenômenos da natureza, tanto para sua própria

segurança quanto para seu próprio sustento. Para tanto, tem-se investido na precisão dos equipamentos para medição das condições climáticas e nos veículos de comunicação que farão a mediação entre ciência e telespectador.

Ao eleger como objeto de análise para esse estudo o gênero discursivo previsão do tempo, observou-se que, ao longo dos anos, o quadro da previsão do tempo ganhou mais espaço na grade, modernizou-se por meio dos recursos tecnológicos, tornou-se mais pessoal e mais próximo dos interlocutores, facilitando o compartilhamento de informação por meio de vídeos, fotos e outros dados acerca do tempo. Esses aspectos remetem à relativa estabilidade/plasticidade dos gêneros discursivos que se alteram impulsionados pelas práticas sociodiscursivas dos grupos sociais.

Essas alterações afetaram, sobretudo, o estilo desse gênero discursivo, ou, conforme postulado por Rojo (2013), às unidades semióticas. Isso porque o acréscimo de Mídias e Tecnologias em uma dada situação de comunicação altera a relação do texto com seus participantes, do texto com o espaço-tempo, do texto com a esfera e, especialmente, do texto com o tema, atribuindo a ele novas possibilidades de significação e modos de ler e criar tais gêneros. Nesse sentido, o tom noticioso e o tom de previsão se hibridizam, o que demarca uma alteração do conteúdo temático-valorativo.

Foi possível observar ainda que, na cultura digital, os modos de viver a vida social vem sendo cada vez mais atravessados pelos usos das tecnologias e isso alterou o modo de fazer jornalismo, exigindo uma maior interação com o espectador, um maior agenciamento do público que trouxe para a tela do telejornal a sua observação sobre a previsão do tempo. Isso pode ser verificado nos gestos corporais do enunciador na cena enunciativa e no seu deslocamento espacial da esquerda da tela, ponto de maior atenção do espectador, para o lado direito, o que indica que nesta cena enunciativa os recursos interativos que favorecem maior agenciamento do público ganham destaque.

Espera-se que este artigo tenha contribuído para o estudo dos gêneros discursivos, principalmente no que diz respeito à discussão sobre a plasticidade e dinamicidade dos gêneros, ao passo que são unidades comunicativas produzidas na cultura nas diferentes atividades humanas.

## Referências

- ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. *O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda*. 2012. 259 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016[1953].
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BRAIT, Beth. *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, p. 43-66, jul-dez. 2013.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- JORGE, Alexandre. 1991. 2011. (4m02s). Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J3N8bofYaQs>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- Os acontecimentos em todo o Brasil & no mundo (canal). *Previsão do tempo - 12/01/2019*. 2019. (2m46s). Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I99QxRBdaik>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- MEMORIAL GLOBO. *Apresentadores do Tempo*. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/apresentadores/apresentadores-do-mapa-tempo/>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- Meteorologia: a ciência da atmosfera. **IAG-USP**. Disponível em: <https://www.iag.usp.br/siae97/meteo.htm>. Acesso em: 19 out. 2021.
- MOTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 152-183, 2005.
- MOURA, A.D. *Evolução da meteorologia: da Babilônia aos nossos dias*. Revista Brasileira Tecnologia, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 05-14, fev. 1986.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada

e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 347, 2001.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair;

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, p. 13-36, 2013.

RÜDIGER, F. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

SILVA, Nívea Rohling da. *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

SILVEIRA, Ana Paula; ROHLING, Nívea; RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A Análise dialógica dos gêneros do discurso e os estudos de letramento: glossário para leitores iniciantes*. Florianópolis: DIOESC, 2012.

TIBURCIO, Carlos Eduardo. *René Descartes*. IME-UNICAMP. Disponível em: <http://www.ime.unicamp.br/~sandra/CCA/history/descartes/descartes.html>. Acesso em 19 out. 2021.

TODOROV, Tzvetan. (1981) Théorie de l'énoncé. In: TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine. Le principe dialogique. Suivi de écrits du cercle de Bakhtine*. Paris: Éditions du Seuil, 1981. p. 67-93.

VEIGA, Mauro. *Jornal Nacional Antigo – 1976*. 2010. (2m06s). Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uormpsglLVg>. Acesso em: 13 jan. 2019.

ZUZA, Erika dos Santos; JESUS, Antonio Carlos de. *No ar a meteorologia além da previsão do tempo: um breve histórico das notícias climáticas no telejornalismo e perspectivas com a TV Digital no Brasil*. 3 v. 7, p. 10, 2009. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/70-encontro-2009-1/No%20ar%20a%20meteorologia%20alem%20da%20previsao%20do%20tempo.pdf>.

Acesso em: 15 abr. 2019.

**Recebido em 17/06/2021.**

**Aprovado em 27/08/2021.**